



i

29-05-2017

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Energia

Dimensão: 6463 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/18 a 23



B Zoom // Energia

Francisco Vieira. “Petróleo continuará a ser a principal fonte energética nas próximas décadas”

Todos os anos o mundo consome mais energia. Mas as geografias da oferta e da procura mudaram, devido à eficiência energética e à agenda das alterações climáticas

BI

FRANCISCO VIEIRA é consultor e professor associado da AESE e responsável do AMEG-Advanced Management in Energy, programa de formação executiva que começará em setembro

LICENCIADO em Engenharia Mecânica pelo Técnico, foi Oficial Engenheiro do Exército

FEZ CARREIRA no setor do petróleo e gás durante mais de 25 anos e foi presidente e administrador-delegado da BP Portugal entre 2010 e 2013.

MAGALHÃES AFONSO
jorge.afonso@jonline.pt
JOÃO BISCAIA
joao.biscaia@jonline.pt

O petróleo “é uma fonte de energia de que o mundo vai continuar a precisar”, pelo menos, nos próximos 20 ou 30 anos. Apesar da inovação tecnológica que resulta na eficiência energética e das alterações no mercado, a nível da oferta e da procura, esta é a previsão de Francisco Vieira.

Em entrevista ao *i*, a propósito do Dia Mundial de Energia que hoje se assinala, o professor da escola de negócios AESE e investigador com mais de 25 anos de experiência na indústria do petróleo diz ainda que, em Portugal, a prospeção de petróleo é uma atividade que morreu.

Chegámos ao fim da ‘Era do Petróleo’ ou isso é um mito?

É um mito. Mas também não é propriamente uma ideia sem justificação. É a fonte de energia de que o mundo vai continuar a precisar. Por causa das novas tecnologias, do desenvolvimento das novas descobertas que entretanto foram sendo feitas, em zonas anteriormente inacessíveis. E a própria eficiência no consumo da energia fez com que aquilo que eram reservas que continuam a ser finitas possam apresentar hoje perspectivas muito mais duradouras que apresentavam há 20 ou 30 anos. Não estamos no fim da Era do Petróleo. O petróleo e os hidrocarbonetos de origem fóssil continuarão a ser a principal fonte energética mundial, nos próximos 20 ou 30 anos. **O petróleo continuará a ser usado como fonte principal?**



Não são expectáveis grandes surpresas relativamente àquilo que é a substituição do petróleo como fonte primária de energia nas próximas gerações. Mas na área dos transportes o veículo elétrico está a emergir, por isso é normal que assuma um protagonismo crescente. Mas vai demorar muitas décadas até que o petróleo seja integralmente substituído na área da mobilidade e dos transportes. O que vai acontecer, sim, é um consumo de energia muito mais eficiente. Os carros terão de consumir muito menos para conseguir movimentar-se a mesma coisa. Outra coisa muito interessante são os carros sem condutor. Essa é

que é verdadeira disrupção na mobilidade. No futuro, a sociedade vai organizar-se à volta de veículos em modo sempre partilhado. É isso vai reduzir o próprio consumo de energia.

Qual será o impacto na atual geoconomia e geopolítica? Os principais produtores terão de encontrar outras fontes de rendimento...

É evidente que sim, com certeza que preocupará os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Mas é uma preocupação com gestão de recursos e não de uma migração para outras fontes. O principal motivo de preocupação geopolítica não tem tanto a ver com o petróleo ter deixado de ser usado para produzir eletricidade, mas com a produção de petróleo noutras fontes que não os países da OPEP e dos países produtores de petróleo. Isso é o que mais os preocupa, neste momento.

Está falar petróleo de xisto?

Estou a falar do *shale gas*, do *shale oil* nos EUA, que acabaram por desequilibrar esta harmonia cartelizada dentro do mercado do petróleo. De há um ano que a OPEP tem uma posição muito firme. Liderada pela Arábia Saudita, recusou-se a reduzir a produção, o que levou os preços a entrar em colapso e obrigou a própria Arábia Saudita a tentar corrigir essa posição com um acordo de redução que teve um efeito imediato. A OPEP

“Os carros terão de consumir muito menos energia para conseguir movimentar-se a mesma coisa”

“Principal preocupação geopolítica atual é a produção de petróleo noutras fontes que não os países da OPEP”

Periodicidade: Diária
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 80000

Temática: Energia²
Dimensão: 6463 cm
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/18 a 23



Francisco Vieira aponta que Portugal tem uma política energética bem montada e assente no pressuposto de que só conseguiremos aliviar a dependência do exterior com o incremento das fontes de energia renovável

no fundo fornece 40% a 42% da oferta mundial. Há também outros produtores como a Rússia.

Que teriam de embarcar também...

Também teriam de acordar e ter a mesma visão estratégica que a OPEP. Se é certo que a indústria do petróleo é vital para a sobrevivência destes países e também para os outros (a Rússia, a Noruega), os que estão fora da OPEP têm uma visão a longo prazo assente numa estratégia menos perturbada pelo curto prazo. A OPEP é diferente. Tem grandes problemas entre os seus membros, como por exemplo a Venezuela e Angola, que, de facto, não têm dinheiro para comer nem para alimentar as pessoas.

O preço baixo do petróleo tem vantagem para o consumidor. Mas limita a prospeção de novas fontes?

Absolutamente. A leitura destes temas na energia precisa de ser cuidada e de avaliar os diferentes impactos. Num país como o nosso, que é quase totalmente dependente de fontes primárias, é verdade que sim. Na área dos transportes, é evidente que o petróleo barato significa uma grande ajuda no próprio equilíbrio das finanças públicas do país. Se um barril de petróleo estiver a 120 ou 130 dólares teríamos bastante mais despesa e mais encargos e maiores dificuldades nas finanças públicas. Do ponto de vista dos países produtores, como Angola ou a Venezuela, assistimos a crises profundíssimas. Se o corte

drástico do investimento, que tem vindo a ocorrer desde os finais de 2014, resultar em limitações significativas na produção, o que pode acontecer é voltarmos a ter um contraciclo e assistirmos a uma escalada dos preços, por causa do desequilíbrio entre a oferta e a procura no sentido contrário ao que temos hoje.

Porque a procura mundial continua a ser crescente, não é?

A procura mundial continua a ser crescente porque o mundo continuará a necessitar de mais energia todos os anos. O que acontece é que o progresso na forma como se consome ou produz energia resulta na necessidade de menos ener-

gia. Mas há sempre necessidade. Em termos absolutos, cada ano tem de se produzir mais energia do que no ano anterior, para continuar a alimentar o crescimento do mundo. Mas é um crescimento a duas velocidades. O mundo cresce em zonas de economias emergentes muito determinadas. O mundo ocidental típico OCDE não cresce, ou cresce muito pouco. Onde realmente se consome energia a nível global é na China e na Índia. A velha Europa Ocidental e os EUA consomem menos energia do que consumiram no ano passado e há dois anos.

Por causa da eficiência energética?

Por causa também de toda a agenda das alterações climáticas que fazem com que se tomem algumas decisões que têm impacto no consumo de energia. Não há dúvida que vamos continuar a necessitar de mais energia, mas não de tanta como necessitávamos há 30 ou 40 anos para fazer crescer a economia. Isso está muito alterado.

O mesmo acontece com o gás natural, ou vive noutra paradigma?

O gás natural continua a ganhar quota no mercado energético mundial. Existe em grande quantidade no mundo e tem a vantagem de contribuir menos para a emissão de gases com efeito de estufa. Apesar de ser um combustível de origem fóssil, tem sempre esse selo, tem uma prestação muito favorável. Com a tecnologia para o extrair e para

“Se um barril estivesse nos 120 ou 130 dólares Portugal teria maiores dificuldades nas finanças públicas”

“Há petróleo em Portugal. Não será suficientemente atrativo para explorar ou comercializar”

a sua distribuição tão desenvolvida, tem havido um recurso crescente ao gás natural em detrimento do petróleo e do carvão. E isso nota-se na produção de electricidade. A maioria da produção de electricidade, no mundo ocidental, é já com recurso a gás natural. Depende de país para país, há países muito ricos em carvão, como a Polónia, que tem de usar os seus recursos. Mas a nível global, o que se verifica é um aumento da quota do gás natural e uma diminuição das quotas do petróleo e do carvão.

Faz sentido a prospeção de petróleo e gás em Portugal?

Tenho de reconhecer que tenho assistido a alguns constrangimentos a avanços. Há retrocesso. Houve, nos últimos 20 anos, algumas entidades interessadas na prospeção de hidrocarbonetos no *offshore* da costa portuguesa, do Minho até ao Algarve. Houve muita atividade, chamada sísmica, que é uma tecnologia que suporta a atividade de deteção.

Não só a petróleo e gás?

Pode haver muita matéria-prima ali armazenada. Muita prospeção teve lugar. Este é um negócio com um risco intrínseco elevado. Fazer uma sísmica, fazer uma prospeção é caro, perfurar um poço é caro. E aquilo que se pode encontrar pode não ser rentável do ponto de vista de exploração comercial, portanto, feche-se. Isso acontece muito. Com o afinar da tecnologia, quem investe consegue minimizar esse risco. Mas a sensação que há dessa atividade sísmica é que aquilo que existe, ou pode existir, na costa portuguesa muito dificilmente é explorável ou comercializável. Há petróleo em Portugal, seguramente. Agora não será suficientemente atrativo, portanto é uma atividade que morreu.

B Zoom // Energia

Dados

2,4%

do total de potência instalada renovável em Portugal tem origem solar fotovoltaica

300

megawatts (MW) é a potência instalada de energia solar fotovoltaica no país

15

centrais estão planeadas para o país até 2020, o que vai subir a potência para 900 MW

48,5

MW de potência instalada tem a central da Amareleja, a maior do país neste momento

220

MW terá a central de Alcoutim, Faro, um investimento de um consórcio internacional

220

milhões de euros investirá a China Triumph International Engineering/Welink em Alcoutim

130

milhões de euros para obter 150 MW de solar fotovoltaica vai investir a Hyperion

5

centrais solares estão planeadas pela Hyperion no Alentejo

130

MW é a potência que terão as cinco centrais e construir no Alentejo pelo Expentfokus

Setor fotovoltaico em Portugal está muito aquém do potencial do país

A tecnologia da energia solar fotovoltaica tem evoluído a grande velocidade e o custo beneficiou da globalização do mercado. A flexibilidade é uma das principais vantagens

MAGALHÃES AFONSO
jorge.afonso@ionline.pt

A energia solar fotovoltaica está em expansão e no "futuro próximo será a forma de produção de energia eléctrica mais eficiente e barata de todas". A previsão é de Duarte Caro de Sousa, para quem os 450 megawatts (MW) instalados em Portugal, que correspondem nem a 3% da capacidade instaladas de energias renováveis no país, "ficam aquém do potencial", em especial se tivermos em atenção o número de horas de sol por ano.

No entanto, há diversos projetos na calha deste setor que poderão levar a capacidade instalada a duplicar no país (ver números ao lado).

O diretor-geral da Ikaros-Hemera, lembra que o solar fotovoltaico, tal como qualquer tecnologia nesta área de energia teve uma primeira fase de subsidia-

ção" mas que a "evolução tecnológica permitiu que a subsidiação fosse posta de parte e se tivesse evoluído para o autoconsumo".

O autoconsumo "permite qualquer consumidor de energia possa instalar sistemas solares fotovoltaicos sem qualquer tipo de limite de potência e que possa produzir a sua própria energia", explica o responsável da empresa que desenvolvemos a melhor solução técnica para determinado investimento de instalação de energia solar fotovoltaica.

"De acordo com essa solução vamos procurar o equipamento ao mercado e a seguir construímos e depois também a operação e manutenção" de um serviço, que tem uma vida expectável de 25 anos e assenta muito flexibilidade.

"O fotovoltaico, ao contrário da hídrica ou da eólica é muito mais flexível. É possível instalar dois painéis numa residên-

cia ou numa bomba hídrica de uma exploração agrícola ou fazer centrais de larga escala de produção centralizada de energia", refere o especialista no setor solar fotovoltaico.

Segundo o responsável, esta "elasticidade que o solar fotovoltaico permite" tem levado a que muitas empresas, tal como o setor residencial, promovam "o solar fotovoltaico nas suas instalações".

AUTOCONSUMO As vantagens do autoconsumo vão desde a menor exposição à variação nos preços e à redução custos e aumento da eficiência energética. As empresas, ou casas, podem usar as coberturas nos seus edifícios ou parcelas de terreno sem utilização para produzir energia que é 100% limpa.

Duarte Caro de Sousa lembra que estas opções são viáveis "devido à evolução tecnologia e sobretudo à redução dos custos deste tecnologia que têm vindo a decer e sobretudo a ganhar maturidade".

O diretor-geral da Ikaros-Hemera aponta que ao custo desta energia – 25% do que era a cinco ou oito anos – "foi uma evolução muito rápida e que tem vindo a ajustar em toda a cadeia de valor, com maior relevância na produção do próprio módulo fotovoltaico. Esta é a "componente com mais peso nos custos de um sistema solar e aí teve muita influência a evolução do mercado solar fotovoltaico que nos últimos dez anos tem crescido de uma maneira muito significativa".

Duarte Caro de Sousa considera que está a falar de um mercado global" e que "ainda há muita margem de progressão tecnológica". Há dez anos o mercado fotovoltaico mundial deveria rondar os cinco gigawatts (GW) e em 2016 foi perto de 50 GW. "Perspectiva-se que continue a crescer e chegue aos 60, 70 GW por ano", diz o especialista.



Empresas de diversos setores promovem a adoção do solar fotovoltaico nas suas instalações

JOSE FERNANDES



01

01 Parceria com a Câmara Municipal de Mafrá passa pela inclusão dos seus edifícios como demonstradores do projeto MOEEBIUS

02 Será através do exemplo do público mais jovem que outros públicos poderão ser motivados para alterar os seus comportamentos

Eficiência. Reduzir o consumo e as emissões de GEE são prioridades

Projetos internacionais MOEEBIUS e ClimACT serão apresentados. Descarbonização da economia, tecnologia e educação estão na base deste desenvolvimento

MAGALHÃES AFONSO
 jorge.afonso@jonline.pt

A propósito do Dia Internacional da Energia, tem hoje lugar um seminário no Tagus Park sobre “Descarbonização da Energia – Novos Desafios para os Edifícios”.

Neste vão ser apresentados os projetos internacionais ClimACT e MOEEBIUS, da responsabilidade do grupo ISQ. Ao i, um dos responsáveis do grupo fala sobre os projetos, descarbonização da economia e eficiência energética.

“O conceito ‘descarbonização da economia’ visa a redução das emissões de CO2 associadas ao consumo de energia proveniente de fontes fósseis. “Em primeiro lugar deve-se atuar na eficiência energética, isto é, reduzir a necessidade de energia da economia e em segundo lugar produzir energia com base em fontes renováveis”, resume Ricardo Rato.

O responsável pelo Centro de Inovação sustentável do grupo ISQ explica que o “setor dos edifícios é responsável pelo maior consumo de energia e pelas respetivas emissões de gases com efeito de estufa (GEE) na UE”. De acordo com

Ricardo Rato, em termos energéticos “os edifícios representam 40% do total do consumo de energia e 36% do total de emissões de GEE na União Europeia são resultado dos consumos energéticos derivados da utilização dos edifícios”.

Continua o especialista, “no setor residencial a energia consumida deve-se sobretudo ao aquecimento e arrefecimento do espaço e à produção de águas quentes sanitárias. Em edifícios comerciais o aquecimento/arrefecimento e iluminação representam as maiores parcelas do consumo energético”.

Para ambos, “os maiores desperdícios devem-se ao baixo isolamento térmico da envolvente exterior dos edifícios, ao fraco desempenho energético dos respetivos sistemas de aquecimento e arrefecimento e às estratégias de controlo desses sistemas, que raramente são adequadas à utilização real dos edifícios”, sustenta o investigador de eficiência energética.

PROJETOS Uma vez que reduzir o consumo energético e a emissão de GEE são questões prioritárias, o MOEEBIUS (Modelling Optimization of Energy Effi-



01

ciency in Buildings for Urban Sustainability) é um projeto que aparece com a “introdução de “uma metodologia holística de otimização da eficiência energética, de forma a melhorar as estratégias atuais de modelação e disponibilizar ferramentas de simulação inovadoras”.

Um dos focos para alcançar estes objetivos passa pela criação de edifícios com performances energéticas cada vez mais eficientes e o MOEEBIUS “visa captar e descrever em profundidade as complexidades da operação dos edifícios em contexto real, através de simulações precisas, que reduzem significativamente as lacunas de desempenho e promovem uma otimização contínua e multifacetada da performance energética”.

Já projeto ClimACT vai desenvolver

Alcançar estes objetivos passa pela criação de edifícios com performances cada vez mais eficientes

uma Plataforma Educacional para Educação Ativa que irá produzir conteúdos educacionais para aumentar a consciencialização das crianças em idade escolar sobre a economia de baixo carbono.

Segundo Ricardo Rato, “a evolução para uma economia de baixo carbono deverá ter como ponto de partida a criação de um novo modo de pensar e de agir conscientes do impacto dos nossos comportamentos do dia-a-dia”. Na opinião do responsável da ISQ, isto a aumenta a “consciencialização de diferentes públicos” sobre a temática, “sendo o envolvimento do público mais jovem essencial”.

CONSORCIO Ricardo Rato recorda que ambos “os projetos estão a ser desenvolvidos em consórcio com diversos países europeus” e envolvem “instituições com competências diversificadas.

Estas parcerias permitem a troca de conhecimento acerca das melhores práticas, bem como a compreensão das especificidades de cada país visando o desenvolvimento de soluções replicáveis e adaptáveis a ambientes diversificados.

B Zoom // Energia

A generalização dos automóveis elétricos depende do aperfeiçoamento das baterias de lítio

SHUTTERSTOCK



Futuro. “Baterias de lítio têm potencial para triunfar”

O especialista lembra que se deve ter em conta “que o transporte terrestre, aéreo e marítimo, juntamente com a climatização dos edifícios, a indústria e a agricultura, entre outras atividades, constituem a maior parte das emissões”. Ou seja, aponta o antigo presidente da Unión Fenosa Internacional, “este campo encontra-se numa fase de baixo grau de descarbonização”.

FUTURO NÃO LINEAR Em relação ao futuro, o também conselheiro editorial das revistas “Expansión” e “Actualidad Económica”, diz que “não é linear” mas “haverá surpresas esperançasas”. Neste sentido “o armazenamento denso e competitivo em pequena escala da eletricidade terá um impacto muito relevante no transporte e na descarbonização”.

Além disso, Juan Luis Cadernete acha “que a bioenergia pode constituir uma fonte primária e um vetor líquido que, a materializar-se, também teria impacto no transporte. Já um “assunto mais “longínquo mas certamente suscetível de esperança é a energia de fusão”.

Para já e “se olharmos para o passado, o professor do Departamento de Dirección Estratégica da IESE considera “espetacular o aumento da densidade energética das baterias, assim como a sua redução de custo”.

Mesmo assim não se pode afirmar “ainda que se tenha alcançado a maturidade tecnológica e comercial que permita um desenvolvimento em massa”. Mas este desenvolvimento é constante e daí que, diz o especialista, deve “começar-

Juan Luis Cadernete é um dos grandes especialistas da área da energia em Espanha. O professor do IESE fala ao *i* sobre a geopolítica das renováveis e a política energética europeia

MAGALHÃES AFONSO
jorge.afonso@ionline.pt

A energia está em mutação e o futuro, depois de um ano de 2016 “realmente singular”, está em aberto. O armazenamento da energia é um dos principais desafios e as baterias de lítio poderão ter um papel preponderante. Aqui, Portugal está bem colocado para usufruir do potencial desta tecnologia.

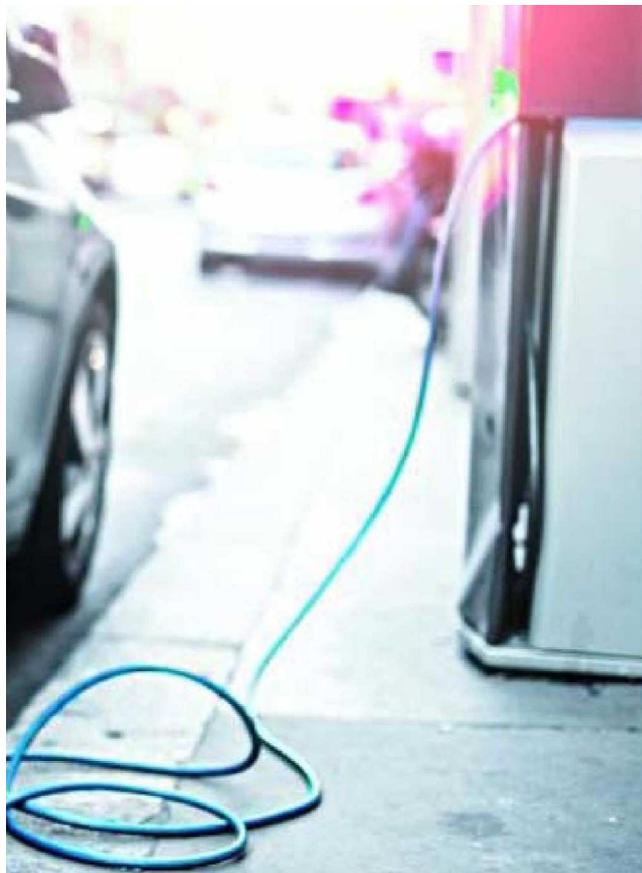
Juan Luis Cardenete, um dos grandes especialistas espanhóis nesta área, lembra que no ano passado “entrou em vigor o acordo internacional de luta contra a mudança climática – Paris2015 – com a adesão da quase totalidade dos países” ao mesmo tempo que “os preços que têm existido nos leilões internacionais de ele-

tricidade fotovoltaica e eólica foram verdadeiramente baixos”.

Assim, diz o professor da IESE, “não se duvida que o futuro da geração “primária” de eletricidade será renovável não apenas pela sua limpeza, como igualmente pela sua competitividade”.

Neste momento o debate sobre o futuro da energia “foi transferido para como integrar tecnologias que, embora previsíveis, não são geríveis, em sistemas elétricos extremamente resilientes, sem que diminua a segurança e robustez que os caracteriza”.

“De qualquer maneira”, salienta Juan Luis Cadernete, “mesmo com uma eletricidade completamente descarbonizada, quase 70 % das emissões de gases com efeito de estufa do planeta ficariam intactas”.



se a ter em conta tanto a geopolítica das renováveis, como a do lítio".
 Juan Luís Cardenete lembra que as "renováveis nasceram autárquicas e em pequena escala" mas considera que o "futuro será regional no plano continental e que o "Sul da Europa pode beneficiar muito com esta conceção" uma vez que nesta perspectiva há um "potencial triunfo das baterias de lítio".



Juan Luis Cadernete

“O aumento da densidade energética das baterias, assim como a redução do seu custo, é espetacular”

“Europa tem uma política ambiental e de concorrência partilhada, mas não uma política energética comum”

Aqui Portugal pode ter uma palavra a dizer (ver texto ao lado). Na opinião do professor universitário, será o mercado e não as políticas públicas a determinar esta nova geopolítica mas é "necessário um novo olhar para uma estrutura de abastecimento" e aqui há uma exigência de uma maior "coesão física mas também institucional" da União Europeia.

DIVERGÊNCIA ESTRATÉGICA Há um aspeto em que Juan Luís Cardenete se mostra cético. "Será que existe?", questiona quando questionado sobre a política energética europeia. "Até agora a Europa tem uma política ambiental e de concorrência partilhadas relativamente à energia, mas não uma política energética comum", sustenta. "De facto", acrescenta, "estamos perante uma convergência regulatória em simultâneo com uma divergência estratégica".

Outra preocupação prende-se com a "dinâmica da geopolítica da energia" atual uma vez que o "petróleo e o gás são dois poderosos vetores para projetar poder estratégico e continuarão a sê-lo nas próximas décadas". O especialista energético lembra que a "dependência dos titulares que os controlam não é um assunto a desprezar pela Europa" já que um possível "desinteresse norte-americano pelos assuntos do mundo pode ser crítico" uma vez que vivemos "debaixo do seu guarda-chuva militar e diplomático". Ainda assim, remata, a "Europa está relutante em tomar nas suas mãos o controlo do seu destino".

Portugal pode assumir um papel de destaque no panorama mundial

Pais já recebeu mais 30 pedidos para a prospeção do minério em nove regiões do Norte e Centro

Portugal pode assumir, nas próximas décadas, um papel de destaque no panorama mundial do lítio, uma vez que é um dos poucos países da Europa que integra o grupo dos dez maiores produtores deste mineral.

Apesar da extração deste mineral ser cara, Portugal tem potencial e já recebeu 30 pedidos para prospeção de lítio. Em causa estão propostas de 3,8 milhões de euros de investimento para explorações de 2500 quilómetros quadrados. Os dados constam do relatório técnico do Grupo de Trabalho do Lítio (GTL).

De acordo com o "Público", o documento encomendado pelo secretário de Estado da Energia, Jorge Seguro Sanches, aponta desafios a superar. O mais relevante é encontrar um processo de transformação do lítio – que precisa de um grau de pureza de 99,5% para poder ser usado nas baterias dos carros elétricos.

O desenvolvimento dos veículos elétricos é um dos principais impulsores da mineração de lítio. Além disso, terá de ser feito a uma escala industrial de forma a garantir rentabilidade.

PROCURA DISPARA PREÇO A procura por esta indústria, conduzida pelas necessidades da eletrificação do setor automóvel ou pela armazenagem de energia em casa – levou o preço a disparar nos mercados internacionais. Entre 2015 e 2016 passou de quase 7200 euros para 18800 euros por tonelada. Enquanto uma bateria de telemóvel usa em média cinco a sete gramas de lítio, uma que seja

usada por um automóvel requer 63 quilos deste minério.

NOVE REGIÕES A prospeção de lítio em Portugal desenvolve-se em nove regiões do país, todas a norte e centro: Caminha, Idanha-a-Nova, Barroso/Alvão, Seixo Amarelo/Gonçalo (Guarda) e Argeme-la são algumas das que são referidas.

Nas nove regiões já documentadas, o potencial mineral do país e a existência de recursos humanos qualificados são os pontos fortes identificados no relatório do GTL. Os pontos fracos são o facto de o conhecimento se ter acumulado de forma diferente nas diversas jazidas e o desinvestimento no setor mineiro, que fragilizou empresas e recursos humanos.

Uma das empresas envolvidas neste setor é a Dakota Minerals, que tem desenvolvido atividade no concelho de Montalegre e tem considerado encorajadores os primeiros resultados de extração.

O objetivo da empresa é, a partir de Trás-os-Montes, afirmar-se como fornecedor sustentável do lítio que vai ajudar à revolução elétrica no setor automóvel, e não só, para a Europa.

A empresa mineira Savannah, sediada em Londres, tornou-se no mais recente operador a entrar na prospeção de lítio em Portugal. A companhia anunciou na passada quinta-feira a compra de 75% na Slipstream Investments, a empresa que detém os direitos de exploração de quartzo, feldspato e lítio na Mina do Barroso, Trás-os-Montes. O teor de lítio identificado nas sondagens já realizadas (mais de 6% de óxido de lítio) indica a elevada possibilidade de produção de concentrado limpo daquele mineral.

A empresa prevê tomar a decisão de avançar para produção até ao final de 2018.



A procura fez disparar os preços do lítio

SHUTTERSTOCK